

# A ORGANIZAÇÃO DA FORÇA-TAREFA REGIMENTO DE CARROS DE COMBATE NO COMBATE EM ÁREA URBANA REALIZANDO UM INVESTIMENTO SELETIVO

Rodrigo Ulisses Marques Júlio – Cap Cav  
Pós-Graduado em Operações Militares EsAO – 2013  
Estágio Tático de Blindados / CIBId 2005

## 1. INTRODUÇÃO

Desde que as sociedades humanas começaram a se organizar em torno de cidades, estas vêm adquirindo cada vez maior importância estratégica. Na antiguidade a cidade mítica de Tróia foi alvo de um cerco eternizado pelo poeta Homero na obra a Ilíada. Nos conflitos de primeira geração pudemos observar o cerco de Kars na Guerra da Criméia. Dentre os conflitos de segunda geração podemos citar a Batalha de Liége, no princípio da Primeira Grande Guerra. Os conflitos de terceira geração são ricos em exemplos, como as Batalhas de Stalingrado e a Batalha de Berlim na Segunda Guerra Mundial. Já os conflitos de quarta geração são quase todos caracterizados por combates urbanos, como as Batalhas de Grozny na Chechênia e a invasão de Bagdá na Segunda Guerra do Golfo.

Em cada um desses casos foram utilizadas tropas blindadas de grande poder de combate. A Grande Unidade

de maior poder relativo de combate do Exército Brasileiro é a Brigada Blindada. Dentro desta Grande Unidade a formação de Forças-Tarefas (FT) valor Unidade aumenta ainda mais o poder de combate de seus elementos de manobra para o cumprimento de diversas missões. Este poder de combate é fruto de seu equipamento moderno e de seu adestramento voltado principalmente para as operações ofensivas.

## 2. METODOLOGIA

A trajetória desenvolvida pela presente pesquisa teve seu início na revisão teórica do assunto, através de consulta bibliográfica a manuais doutrinários, documentos e trabalhos científicos (artigos, livros, trabalhos de conclusão de curso e dissertações), a qual prosseguiu até a fase de análise dos dados coletados neste processo (discussão de resultados).

Também foram analisados casos históricos recentes de países que se



envolveram em conflitos neste tipo de ambiente operacional, buscando colher suas experiências e aprender os detalhes deste complexo espaço de batalha.

O presente trabalho objetivou verificar a melhor forma de organizar para o combate urbano uma força-tarefa com base em Regimentos de Carros de Combate, permitindo que a FT possa realizar da melhor forma um investimento seletivo.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme a pesquisa realizada, podemos observar a tendência de crescimento da população urbana em relação à população rural no nosso País.

Esta é uma tendência que se aplica a todo o mundo, especialmente em países em desenvolvimento e subdesenvolvidos. Com o crescimento da taxa de urbanização, as cidades vêm se tornando cada vez mais os centros de gravidade onde se definem os rumos dos Estados. Esta situação faz com que o controle de certas partes, ou a negação do controle de algumas regiões, seja essencial para definir o sucesso de campanhas inteiras.

Também podemos notar que os combates têm sido travados cada vez mais em terrenos urbanos, em vez de áreas rurais, portanto as capacidades de enfrentamento nos ambientes edificados serão fundamentais para as forças armadas durante todo o futuro próximo.

Segundo o previsto no manual C 7-20, as formas de investimento em uma localidade são o investimento seletivo e o investimento sistemático. Via de regra, o investimento sistemático será reservado para localidades menores ou muito bem defendidas, enquan-

to que o investimento seletivo, segundo as informações constantes no C 7-20, busca conquistar objetivos específicos dentro da localidade, conforme abaixo:

“o movimento em força do escalão de ataque embarcado, no interior da localidade, por dois eixos de progressão. As frações testa de cada elemento reconhecem seus eixos imediatamente antes da passagem dos demais. Ao ser estabelecido o contato, parte dos elementos desembarcam para garantir o prosseguimento dos demais. Uma vez conquistado o objetivo o escalão de ataque estabelece um dispositivo de defesa circular, ampliando suas dimensões até a conquista do terreno adjacentes que comprometa sua segurança. As resistências desbordadas são limpas pela reserva.” (BRASIL, 2003, p.4-119)

O investimento seletivo permite, portanto, maior velocidade, maior aproveitamento da mobilidade e uso adequado da ação de choque, características da tropa blindada.

As experiências do exército israelense em Beirute e das forças da coalizão no Iraque demonstraram que a velocidade de progressão é uma forma de proteção mais eficiente do que as pesadas blindagens. Quando as colunas blindadas puderam avançar com presteza através das ruas e avenidas (situação observada em Beirute e Bagdá), sofreram muito menos baixas do que quando foram forçadas a cruzar caminhos obstruídos e cerrados (como visto em Grozny). Desde o começo do emprego dos carros de combate, submetê-los à velocidade de progressão do homem a pé vem sendo um dos erros mais comuns dos comandantes táticos.

A maior razão da importância de



uma localidade reside nos meios que a mesma reúne. Como exemplo, podemos citar as capacidades de produção e transformação de bens, fornecimento de serviços, fornecimento de suprimentos, facilidades logísticas e outros.

Em geral, a maioria das cidades apresenta zoneamentos, assegurando a reunião dos meios de produção de bens em determinadas áreas costumeiramente periféricas, de maneira a permitir que as facilidades de escoamento da produção sejam também centralizadas.

De maneira análoga, as áreas de moradias, que apresentam grande dificuldade de controle e possuem também pequeno valor estratégico, localizam-se em regiões específicas.

Estes fatores corroboram a teoria de que não é preciso controlar toda uma localidade ou cidade para extrair das mesmas a sua capacidade de produção, suas vantagens táticas, estratégicas ou mesmo políticas.

Isto foi atestado pelas ações do 2nd Brigade Combat Team (BCT) durante a segunda guerra do golfo, que foi capaz de praticamente decapitar o regime iraquiano apenas controlando alguns bairros e o acesso aos mesmos.

Num mundo atual em que se incluem as considerações civis como fator da decisão, onde se leva cada vez mais o nível político da decisão, onde conceitos como o “cabo-estratégico” surgem com importância, não seria coerente expor nossa tropa às agruras de um combate desgastante e pouco frutífero, quando se pode realizar um esforço de forma mais eficaz e com os mesmos resultados.

## **ORGANIZAÇÕES POSSÍVEIS DE UMA FT RCC**

Considerando-se inicialmente as características das VBC CC, a mesma terá um maior poder de fogo e maior proteção blindada do que as VBTP e, em geral, do que as VBC Fuz. No caso dos meios atualmente empregados pelo Exército Brasileiro, também terá uma relação peso-potência superior, facilitando o rompimento de barreiras. Ainda, as missões clássicas dos CC atribuídas pelo C 17-20, tais como a neutralização das posições inimigas pelo fogo das metralhadoras, destruição de pontos fortes do inimigo pelo fogo, destruição das barricadas encontradas nas ruas serão mais frequentes nas fases iniciais do combate (BRASIL, 2002, p.9-12).

Estas características fazem com que as “pontas de lança” ideais para as colunas que adentrarão as cidades sejam compostas prioritariamente por carros de combate.

Para cumprir as missões de localização de alvos para o engajamento das armas dos carros de combate, neutralização e destruição de armas anticarro do inimigo, assalto e redução de posições, proteção dos carros de combate contra as medidas individuais anticarro e, sobretudo, realização da segurança e da defesa de área, uma vez limpa, é importante que os fuzileiros estejam a pouca distância dos carros de combate.

Desta forma, a FT SU constituída por 02 (dois) Pel CC e por 01 (um) Pel Fuz deverá liderar o avanço no interior da localidade. Seguindo de perto, estaria uma FT SU com 02 (dois) Pel Fuz e 01 (um) Pel CC.

A segunda FT SU forte em carros de combate, similar à que lidera o avanço no interior da localidade, poderia progredir por um eixo secundário. Seguindo um caminho diferente poderiam ser



atingidos os mesmos objetivos, aumentando as possibilidades de sucesso. Também poderiam ser atingidos objetivos diferentes, o que permitiria que outros sucessos possam ser atingidos atendendo o princípio da economia de meios e da rapidez.

Como reserva, seria mantida uma FT SU forte em Fuzileiros, sendo mais apta a realizar a limpeza de alguma resistência eventualmente desbordada.

### **SISTEMAS OPERACIONAIS DA FT DURANTE O INVESTIMENTO**

O sistema operacional comando e controle continua com sua importância capital para o sucesso da operação. A dificuldade em visualizar toda a manobra e a imprevisibilidade da atuação inimiga - e da própria postura da população - forçam o comando da FT a empregar a regulação curta da manobra apesar da descentralização das ações nos escalões mais baixos possíveis. O emprego das ruas e avenidas como medidas de coordenação e controle já está consagrado por quase todas as forças empregadas em ambiente urbano, desde operações policiais até operações de combate. Várias medidas restritivas aos fogos deverão ser empregadas, especialmente no caso da localidade não ter sido evacuada, o que é o mais comum na atualidade.

O sistema operacional inteligência assumirá uma importância ainda maior, visto que a atitude da população em relação às tropas defensoras poderá mudar o rumo do combate. Moradores evacuados serão importantíssimas fontes de informes. O emprego de mapas e guias rodoviários civis poderá ser vantajoso em relação às cartas militares que em geral terão escalas médias e

pequenas, porém sem muitos detalhes relevantes. As placas de sinalização civis também facilitarão a orientação das tropas que progridem no interior da localidade.

Um complicador a mais para o sistema de informações é que a principal ferramenta que alimenta o sistema operacional inteligência, o Pelotão de Exploradores, estará frequentemente sendo empregado como peça de manobra ou realizando missões de segurança.

O manual C 7-20 cita que o apoio de Artilharia durante a fase de progressão dentro da localidade será reduzido devido à perda de eficácia e a geração de escombros que este tipo de tiro provoca (BRASIL, 2003, p. 4-116). Devemos também lembrar que com a inclusão das considerações civis entre os fatores da decisão, a destruição provocada pelas armas de tiro indireto deve ser repensada.

No entanto, fogos indiretos de menor calibre, portanto menor poder de destruição, ou o emprego de munições tipo inteligente podem reduzir estes óbices. Esta ressalva permite que o sistema operacional apoio de fogo esteja presente nesta fase da operação tanto quanto nas demais.

A defesa antiaérea poderá ser empregada em missões terrestres, graças ao seu grande volume de fogo e a dificuldade do inimigo aéreo engajar tropas em terra devido ao grande número de obstáculos presentes.

A respeito do sistema operacional mobilidade, contramobilidade e proteção durante a progressão da FT pela localidade será imprescindível o uso de meios para a remoção de minas e destroços do caminho da FT.

Meios da própria FT podem ser mo-



dificados, por exemplo, adicionando implementos como “arados” e “lâminas” a fim de facilitar o movimento das viaturas.

O sistema operacional logístico estará particularmente vulnerável pela falta de meios blindados e menor mobilidade tática dos meios de transporte.

As linhas de suprimento deverão ser defendidas e mantidas, sob pena de todo o sucesso obtido pelos elementos de manobra fracassar devido à falta de meios para durar na ação.

O uso de suprimento pré-posicionado seria inviável devido ao grande volume consumido pela tropa de natureza blindada e o suprimento especial aéreo apresenta grandes riscos. Até mesmo o Ponto Intermediário Logístico tem dificuldade de emprego pela impossibilidade de deslocar elementos de uma defesa circular ou do combate para apanhá-los.

Desta maneira, os comboios de suprimento deverão ser escoltados e apoiados por elementos de manobra quando no interior da localidade, sendo tal apoio estendido também para momentos críticos como o remunciamen- to e reabastecimento.

Se possível deverão ser evitados estes tipos de trabalho no interior da localidade, utilizando-se para isso da área de apoio conquistada em sua periferia durante a segunda fase do investimen- to ou após a conquista de objetivos na orla posterior.

## 5 CONCLUSÕES

O combate em ambiente urbano é uma realidade que não diminuirá num futuro próximo. Essa afirmação é decorrente do crescimento urbano em todo o mundo, acentuado especialmente nos

países em desenvolvimento.

As experiências de países que tra- varam conflitos nas últimas décadas do século passado e no século atual comprovam que o emprego adequado de tropas blindadas é uma grande van- tagem e aumenta sobremaneira a pos- sibilidade de sucesso em tal ambiente tão adverso.

Os órgãos formadores de doutrina do Exército Brasileiro vêm demonstan- do uma preocupação crescente com a preparação de tropas para operarem no complexo ambiente operacional ur- bano, dono de características únicas que quase em todas as oportunidades irão favorecer o defensor em detrimen- to do atacante.

As experiências das forças armadas russas comprovaram que o campo de batalha urbano, quando bem prepara- do pelo defensor, pode tornar-se uma fortaleza quase inexpugnável, não dei- xando, entretanto, de ser uma “mortal sala de aula”, onde se pode perceber a necessidade de trabalhar as lideran- ças, o processo de tomada de decisão e especialmente as táticas, técnicas e procedimentos.

Neste terrível ambiente, onde cada esquina pode representar um novo peri- go, esquadrinhar cada cômodo de cada casa em cada prédio não será viável no aspecto do tempo demandado, além de representar uma exposição desne- cessária, arriscando a uma vitória da Força-Terrestre componente se tornar uma derrota política e acabar forçando uma vergonhosa retirada como já nos mostrou a história recente.

O emprego da tropa mais apta de nosso exército para o combate ofensivo não pode ser relegado a um segundo plano devido ao ambiente operacional onde o mesmo se dará. Novas formas



de combater devem ser adaptadas às estruturas que já dispomos, permitindo o melhor emprego de nosso material humano e de nossos produtos de defesa.

Respeitar as características da tropa blindada é a melhor maneira de obter os resultados que esperamos desta. Este é um dos motivos pelos quais podemos afirmar que o emprego do investimento seletivo permitirá obter o melhor proveito das forças blindadas empenhadas na terceira fase do ataque a uma localidade.

A respeito das peças de manobra, concluímos que o melhor modo de organizar as FT SU será manter duas FT fortes em carros de combate e duas FT fortes em fuzileiros blindados, preservando assim as características pertinentes a cada natureza de tropa, porém assegurando a sinergia necessária para obter o melhor emprego dos combinados.

Destas FT SU, as duas fortes em carros de combate seriam empregadas em primeiro escalão, progredindo em direção aos objetivos marcados no interior da localidade, seguida de perto por uma das FT forte em fuzileiros de forma a poder receber um rápido apoio deste elemento, principalmente no tocante à segurança, em caso de combate aproximado e em casos extraordinários, nos quais o movimento da coluna seja detido.

A reserva seria também composta por uma FT SU forte em fuzileiros, para manter a melhor capacidade de limpar resistências deixadas para trás pelas forças em primeiro escalão sem, no entanto, abrir mão do poder de fogo assegurado pelos carros de combate inseridos na força-tarefa.

Os meios de apoio de fogo indire-

to orgânicos das FT SU baseadas em Companhias de Fuzileiros Blindados ganham importância por sua trajetória mais curva e pelo seu menor calibre, que irá causar menos danos colaterais, ao mesmo tempo em que cerrarão mais rápido e terão condições de intervir mais prontamente no combate.

As peças de canhão sem recuo servirão de maneira similar aos carros de combate para prestar apoio a partir de menores distâncias e com mais autonomia para os comandantes de Pelotão de Fuzileiros. Portanto, serão empregadas via de regra descentralizadas nos Pel Fuz.

As metralhadoras orgânicas do Grupo de Apoio do Pel Fuz serão utilizadas conforme o previsto no C 7-20 “na execução de fogos rasantes através dos eixos terrestres estabelecendo faixas de fogos com a finalidade de impedir sua utilização pelo inimigo” (BRASIL, 2003, p. 4-117).

Em relação aos apoios no nível FT U, lembramos que o apoio de artilharia seria secundário em relação ao apoio de morteiros. A trajetória curva dos morteiros permitirá que os alvos entre os prédios possam ser atingidos. O poder de destruição que o calibre de dotação da brigada blindada possui resultará em muitos escombros e grande dano colateral, dois fatores que complicarão muito a atuação das tropas no ambiente operacional urbano.

A Seção de Mísseis anticarro deverá ser passada para uma das FT SU forte em fuzileiros, a fim de tornar esta tropa mais apta a repelir contra-ataques e mais independente no que se refere a meios anticarro.

Como a Brigada tem uma pequena dosagem de Artilharia Antiaérea e como os elementos de manobra em pri-



meio escalão costumam receber uma prioridade baixa para defesa antiaérea, partiremos do princípio que não haverá Seção de Artilharia Antiaérea a disposição do comando da FT. Caso seja disponibilizado pelo escalão superior, em princípio deverá ser dada prioridade para as estruturas de comando e controle (PC), e para as áreas de trens da FT. Conforme a localidade imponha, pontos críticos podem ser também selecionados para a defesa por estas seções.

O apoio de engenharia é indispensável, como citado anteriormente para a remoção de obstáculos, minas e outros complicadores. Ainda que sejam aplicados implementos nas viaturas orgânicas da FT U, o levantamento de armadilhas nos obstáculos deverá preceder uma abertura ou remoção forçada. Apesar de elementos fuzileiros orgânicos poderem ser treinados para esta função, os elementos especializados não podem deixar de compor a organização da FT U. Com a adoção dos Batalhões de Engenharia de Combate Blindados com suas Companhias quaternárias, torna-se possível a dotação de um Pelotão de Engenharia por Unidade de manobra na Brigada, não sendo exauridas as possibilidades do BECmb Bld.

Provavelmente os reforços tradicionais do Pelotão de Engenharia como Viatura Blindada Especial - Lança-Pontes ou dispositivo de abertura de brechas não deverão ser empregados, uma vez que as cidades já costumam dispor das passagens necessárias.

Com relação ao comando e controle, lembramos que será bastante dificultado pela presença de edifícios e outros obstáculos. O emprego de repetidoras poderá ser necessário para permitir a

continuidade do apoio de comunicações. Emprego de meios diversos como bandeirolas em postes e fogos de artifícios são técnicas comuns empregadas por forças adversas e forças legais que atuam em ambientes urbanos.

As linhas de controle baseadas em ruas transversais, além dos limites em quadras (e não em ruas ou calçadas) são medidas clássicas para controlar a progressão e a atuação das tropas ao longo das ruas.

A localização do PCT deverá ser, como de costume, próxima à ação principal, logo atrás do escalão de ataque.

O PCP poderá ser localizado fora da área urbana, se houver ligação de comunicações com o PCT, aumentando a segurança e permitindo que o acompanhamento da situação seja realizado em melhores condições. Lá as atividades serão desenvolvidas de forma similar às demais operações. O mesmo se aplica ao PCR, que deverá permanecer na Área de Trens de Combate, operando de maneira parecida com as demais operações.

A respeito do apoio logístico, os destacamentos logísticos enviados pelo Batalhão de Infantaria Blindado compõem as FT SU normalmente. Caso o Batalhão Logístico disponha meios para a FT U, como uma Seção Leve de Manutenção do Pelotão Leve de Manutenção da Companhia Logística de Manutenção, estes deverão permanecer na Área de Trens de Estacionamento. O Pelotão de Manutenção da FT apoiará as FT SU com suas Turmas de Apoio Direto.

Experiências vividas por outros exércitos provam que as tropas em primeiro escalão devem ter condições de evacuar viaturas danificadas com seus próprios meios, eventualmente destruindo-as quando necessário, apesar



do dano psicológico e uso político que uma viatura destruída e abandonada possa permitir ao inimigo.

Este trabalho buscou contribuir para o desenvolvimento da doutrina militar terrestre do Exército Brasileiro no tocante às operações em ambientes urbanos.

Sua intenção também foi contribuir para a manutenção da expertise de um exército sempre invicto nos campos de batalha. Exército este que precisa manter-se atualizado em relação aos conflitos recentes, desenvolvendo capacidades adequadas para os novos desafios que se descortinam num cenário cada vez mais incerto, no qual os comandantes em todos os níveis serão certamente testados duramente.

## REFERÊNCIAS

1. ATKINSON, Rick. Na Companhia de Soldados: o dia-a-dia da Guerra do Iraque. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

2. BELLAVIA, David. De casa em casa em Fallujah. 1. ed. São Paulo: Larousse do Brasil, 2008.

3. BOWDEN, Mark. Falcão Negro em perigo: a história de uma guerra moderna. 1. ed. São Paulo: Editora Landscape, 2001.

4. BRASIL. Centro de Avaliação e Adestramento do Exército. Relatório do I Simpósio de Combate em Área Edificada, 1999.

5. Comando de Operações Terrestres. CI 7-5/2: O pelotão de fuzileiros no combate em área edificada 1. ed. Brasília, DF, 2006.

6. Manual de Operações em Áreas Urbanas 1. ed. Rio de Janeiro, 2002.

7. C 7-20: Batalhões de Infantaria. 3. ed. Brasília: EGGCF, 2003.

8. C 17-20: Forças-Tarefas Blindadas. 3. ed. Brasília: EGCCF, 2002.

9. Ministério do Exército. Estado Maior do Exército. C 31-50 Combate em Zonas Fortificadas e Edificadas. 1. ed. Brasília, DF, 1976.

10. US Army Combined Arms Center. FM 3-06: Doctrine for Joint Urban Operations. Washington, D.C., 2002.

11. FM 3-06: Combined Arms Operations In Urban Terrain. 2002.

12. FM 90-10: Military Operations on Urbanized Terrain (MOUT). 1979.

